



*Benedita da Silva veio de Alagoas:
"Aqui, o pessoal dá bastante coisas"*

Em poucos dias, o patrimônio dobra

Apesar da migração não ser nenhuma novidade no DF, nos últimos anos, especialmente a partir de 1994, o perfil de quem busca socorro por aqui está mudando.

O analfabetismo ainda é marca registrada — 46% dos 6.105 migrantes do ano passado ou 70% se contados aqueles que sabem apenas assinar o nome —, mas o número de pessoas com 2º grau, completo ou incompleto, já está perto dos 10%. Nos últimos dois anos, no entanto, já começaram a aparecer migrantes com nível superior em busca de oportunidades de emprego, mas dificilmente conseguem encontrar algo compatível com sua escolaridade

e experiência.

Metade dos migrantes vêm atrás de trabalho, outra grande parte busca atendimento hospitalar, mas quem realmente confia na solidariedade dos candangos são aqueles que chegam por aqui e voltam para casa depois de uns quinze dias. "Eles chegam com quase nada, no máximo um ou dois sacos como bagagem. Em poucos dias já têm mais do que o dobro do que trouxeram, apenas com as doações", explica a diretora do Centro de Apoio Social (CAS), Maria de Fátima Gomes Leitão.

A multiplicação das bagagens chega a dar dor de cabeça na hora de voltar para casa. Óleo, feijão, arroz, açu-

car, roupas, cobertores, colchões, sofás, fogão e até aparelhos de som entram nas doações. Mas como as empresas de ônibus só permitem que cada passageiro leve 40 quilos, é comum a choradeira e gritaria no momento de embarcar. "Eles preferem perder a passagem do que perder o que ganharam", conta Maria de Fátima.

No fim dá-se um jeito. As doações que não podem ser levadas (como fogão ou sofá) acabam sendo deixadas com amigos feitos por aqui. Como todos querem voltar para passar o Natal em casa e levar tudo o que foi ganho, as passagens entre os dias 15 e 18 de dezembro são as mais disputadas e exigem um esforço extra do CAS

para conseguir lugar para todo mundo. Do orçamento para 1998, previsto inicialmente em R\$ 264 mil de passagens, só restam R\$ 70 mil, que, segundo o CAS, não serão suficientes até o final de dezembro.

O Centro de Apoio Social (CAS), que fica em Taguatinga é responsável pelo atendimento a todos os migrantes que chegam na Rodoferroviária ou em qualquer um dos Centros de Desenvolvimento Social (CDS), presentes em todas as cidades do DF. Lá os visitantes encontram albergue, alimentação, cursos profissionalizantes, atendimento médico e até o dinheiro da passagem de volta para casa.